

Noel Gough
Deakin University, Australia

Annette Gough
Deakin University, Australia

Com Peter Appelbaum, Sophia Appelbaum,
Mary Aswell Doll e Warren Sellers

Contos de Camp Wilde: tornando *queer* a pesquisa em Educação Ambiental¹

Resumo: *Este artigo questiona o relativo silêncio da teoria e da teorização queer sobre a pesquisa em educação ambiental. Exploramos algumas possibilidades para tornar queer a pesquisa em educação ambiental ao criar (estimulando outras/os a fazer o mesmo) narrativas de Camp Wilde, um local imaginário que nos ajuda a expor o fato de este ser um campo marcado por uma construção heteronormativa. Essas narrativas propõem métodos alternativos de representação e (re)produção do sujeito e do objeto de nossas indagações e nossas identidades como pesquisadoras/es. As/os colaboradoras/es utilizam-se de diferentes recursos teóricos como história da arte, desconstrução, ecofeminismo, crítica literária, estudos culturais populares e pós-estruturalismo feminista a fim de desenvolver uma nova orientação para a pesquisa em Educação Ambiental, a qual esperamos que jamais seja categorizada como um 'novo gênero'*

Palavras-chave: *educação ambiental; pedagogias queer; heteronormatividade; pesquisa.*

Copyright © 2011 by Revista Estudos Feministas.

¹ Texto publicado como "Tales From Camp Wilde: Queer(y)ing Environmental Education Research", *Canadian Journal of Environment Education*, v. 8, n. 1, 2003.

A importância de tornar *queer* a seriedade

Nos últimos anos, nossas inclinações a metodologias pós-estruturalistas (que se caracterizam por prestar atenção àquilo negligenciado, silenciado, reprimido, e/ou marginalizado pelos discursos e práticas culturais dominantes) nos levaram a lamentar a relativa ausência da teoria e teorização *queer* no campo de pesquisa em educação

² RUSSELL, SARICK e KENNELLY, 2002, p. 61.

³ Não fazemos distinção categórica entre pesquisa em educação ambiental e educação ambiental. Enfatizamos a pesquisa porque pesquisa é o que fazemos. Pesquisa é tudo aquilo que pessoas chamadas de pesquisadoras fazem, sendo reconhecida por suas colegas como tal e incluindo quaisquer meios pelos quais uma disciplina ou arte se desenvolve, se testa e se renova.

⁴ JARDINE, 1992, p. 118, ênfase no original.

⁵ RUSSELL, SARICK e KENNELLY, 2002, p. 56.

⁶ Ver Noel GOUGH, 1999, para uma crítica dos exemplos de pesquisa em educação ambiental que podem ser lidos como *reductio ad absurdum* do discurso técnico-científico.

⁷ Erica MCWILLAN, 1999, p. X.

ambiental. Concordamos com Constance Russell, Tema Sarick e Jacqueline Kennelly que “a pedagogia *queer* pode enriquecer a teoria e a prática da educação ambiental”² e este artigo confirma e expande sua iniciativa. E complementamos que a teorização *queer* pode enriquecer a pesquisa em educação ambiental.³

Fomos atraídos pela teorização *queer* de início pelo seu convite a um questionamento dos desejos heteronormativos que animam grande parte da pesquisa educacional, incluindo desejos por previsões, controle e maestria. Como David Jardine, suspeitamos que discursos técnico-científicos limitam nossa capacidade de formular perguntas que já não presumam em si a possibilidade de soluções finais:

A linguagem oferecida [pelo discurso técnico-científico] já vem previamente embargada [ou ao menos, tende ao embargo], busca a última palavra, [...] uma palavra em que o silêncio monótono da apresentabilidade objetiva adquire poder sobre a vida humana. Assim, a complicada natureza da vida humana estará solucionada e finalmente teremos o currículo “certo” para todo o sempre [...] Nada mais precisará ser dito. Nenhuma/nenhum teórica/o educacional ou educadora/educador afirmaria desejar isso, mas a hesitação em fazer tal declaração ocorre concomitantemente a quando ouvimos que “um pedaço do quebra-cabeça foi resolvido, apenas uma parte do retrato. Pesquisas subsequentes sempre devem ser feitas”. Esta afirmação, mesmo em sua admirável hesitação [...] não rompe com a crença fundamental de que a vida humana é um retrato objetivo, o qual, embora complexo, está objetivamente “lá” para se tornar apresentável, parte, por implacável parte.⁴

Lembramo-nos da caracterização de Jardine sobre pesquisadoras/es educacionais implacavelmente engajadas/os com a “apresentabilidade objetiva”, quando vemos a descrição feita por Rita Felski de cientistas, do século XIX, estudando a diversidade sexual humana e seus “desvios” como “sérios acadêmicos vitorianos trabalhando em listas de perversões sexuais com o zelo taxonômico de um entomologista ao examinar insetos”.⁵ Pela nossa experiência, muitos relatórios de pesquisa em educação ambiental evocam de maneira similar imagens de uma “apresentabilidade objetiva monótona” e “zelo taxonômico”.⁶

Criamos, então, Camp Wilde, um espaço intelectual imaginário dedicado a aliviar “a deficiência de ironia tão típica de tantos textos acadêmicos”,⁷ tornando *queer* a seriedade de grande parte da pesquisa em educação ambiental (e talvez provocando algumas risadas subversivas). Em vez de representar um modo como a teoria *queer* poderia

ser ‘aplicada’ ao nosso campo, tentamos aqui fazer uma performance do tornar *queer* a pesquisa em educação ambiental com base na teorização *queer* – e tanto os meios de produção deste artigo como o texto final são parte desta performance. Ao tornar *queer*, em inglês, *queer(y)ing* – a adição do “y” à forma verbal no gerúndio (“*queering*”) refere-se a “*why?*” (“por quê?”) no sentido de questionar nos moldes da teorização *queer*, mas não necessariamente limitando-se às suas formulações e contestações –,⁸ especialmente rejeitamos qualquer tentativa de essencializar o termo “*queer*”, preferindo “a visão alternativa de *queer* como um termo produtor de diferença positiva” de Catherine Mary Dale. Diferença positiva não se estrutura pela negação, mas “expressa a imanência do múltiplo e do um, ao invés da eminência disso sobre aquilo, ou de um sobre muitos, de identidade ou caos [...] Não há identidade essencial, nem perda ou ausência, apenas afirmação”.⁹

⁸ Observamos pela primeira vez o uso do termo “*queer(y)ing*” – e variações tais como “*que(e)r(y)ing*” e “*queer-y-ing*” – em meados da década de 1990 (ver, por exemplo, GIBSON-GRAHAM, 1997; Fiona NICOLL, 1997), havendo usos anteriores (por exemplo, Catriona SANDILANDS, 1994).

⁹ DALE, 1999, p. 3.

¹⁰ DELEUZE e GUATTARI, 1987.

No espírito de Gilles Deleuze e Felix Guattari,¹⁰ produzimos este artigo como um rizoma – uma figuração do conhecimento como teias emaranhadas de interseções, nodos e possíveis caminhos, em contradição ao conhecimento arborescente configurado por raízes e galhos finitos e hierarquicamente estabelecidos (como uma árvore). Imaginar o conhecimento como um rizoma significa “trabalhar contra as limitações da autoridade, regularidade e senso comum, abrir o pensamento para construções criativas”.¹¹ Em um espaço rizomático, não há um fim para a indagação e a especulação, nem um caminho único para buscar, ou pesquisar, suas infinitas possibilidades. Nas palavras de Umberto Eco,

¹¹ Patricia LATHER, 1993, p. 680.

O rizoma é construído de modo que cada caminho possa ser conectado com todos os outros. Não possui centro, periferia, nem saída, porque é potencialmente infinito. O espaço da conjectura é um espaço rizomático [...] pode ser estruturado, mas nunca definitivamente [...] é impossível haver *uma* história.¹²

¹² ECO, 1984, p. 57-58.

Convidamos várias/os amigas/os para dividir este ‘espaço de conjectura’ para representar performances textuais de sua própria imaginação a complementar nosso projeto desestabilizador.¹³ Elas/es escreveram seus textos em resposta ao nosso esboço de 300 palavras, o qual consistia de pouco mais do que o parágrafo no início da próxima seção. Acreditamos que elas/es nos ajudaram a resistir ao embargo e a construir Camp Wilde como um espaço de conjecturas sem “centro, periferia, nem saída”. Suas contribuições também podem ser vistas como ‘dados’ em um experimento narrativo em que as/os leitoras/es podem interpretar por si mesmas/os.

¹³ Todos os pronomes pessoais da primeira pessoa do plural neste artigo referem-se a Noel e Annette Gough, responsáveis pela versão original. Nossas/os colaboradoras/es convidadas/os escreveram seus próprios roteiros e não temos a intenção de falar por elas/es.

Bem-vindas/os a Camp Wilde

Bem-vindas/os a Camp Wilde. Dedicamos este espaço à memória de Oscar Wilde por ele representar um modo de produção de conhecimento subjugado, o qual, acreditamos, é significante para a pesquisa em educação ambiental. Seus trabalhos demonstram que a palavra inglesa “camp” significa um modo de ser, acreditar e se comportar mais abrangente do que a maioria das/os educadoras/es ambientais normalmente associam com o termo “acampar”.¹⁴ Em sua arqueologia das fotografias de acampamento, Moe Meyer¹⁵ mostra que Wilde minava a ordem social dominante em seus dias não somente por ser homossexual, mas também por desempenhar uma política e uma poética de campo zombeteira com os costumes, as normas e a moral burguesa. Suspeitamos que muitos de seus contemporâneos tenham se sentido mais ameaçados pelas suas inversões e desvios textuais do que pelas suas preferências sexuais. Por exemplo, em *Algumas máximas para a instrução dos supereducados*, Wilde reclama que “os ingleses estão sempre degradando as verdades em fatos [...] quando uma verdade se torna um fato, ela perde o seu valor intelectual”.¹⁶ Contra as tendências de sua época que tentavam tornar a literatura e a arte um retrato fidedigno da natureza e da vida, Wilde defendia o artifício como algo muito mais belo e “real”. Wilde era perigoso, pois uma profunda seriedade moral nos informa sobre sua pose camp: ele seriamente recusava-se a se levar a sério; sua agradável levandade apenas dissimulava uma ironia mordaz.

Quando lhe pediram para descrever a “filosofia” por detrás de *A importância de ser sério* (com o subtítulo de *Uma comédia trivial para pessoas sérias*), Wilde respondeu: “todas as coisas triviais deveriam ser tratadas com muita seriedade, e todas as coisas sérias da vida com sincera e cuidadosa trivialidade”.¹⁷ Em Camp Wilde, exploramos como uma filosofia tão paradoxal poderia nos dar informações sobre a pesquisa em educação ambiental.¹⁸

Não é preciso ser camp (ou gay, lésbica, bi, trans, interssexual) para aproveitar Camp Wilde, embora você possa se sentir um pouco mais em casa se não tiver pensado que isso era algo a se questionar.

Claro, os estudos queer geralmente se focam na identidade queer e muitas/os teóricas/os queer e pesquisadoras/es identificam-se como questionadora/questionador, partindo de um ponto de vista não heterossexual, dos regimes de normalidade. Até o presente momento, grande parte da teorização queer na educação tem se indagado sobre identidade e explorado as relações entre as identidades das/os pesquisadoras/es e a construção e legitimação de

¹⁴ Nota do tradutor: a palavra “camp” em inglês pode tanto referir-se ao ato de acampar, acampamento, como também pode fazer referência, informalmente, a um determinado estilo de comportar-se e vestir-se, à pose de um homem associada à homossexualidade, “afetação”.

¹⁵ MEYER, 1994.

¹⁶ WILDE, 1989, p. 1203.

¹⁷ Joshua GLENN, 2000.

¹⁸ Como Deleuze nota, o paradoxo é “a paixão da filosofia” (DELEUZE, 1994, p. 227).

¹⁹ Por exemplo, William PINAR, 1998.

²⁰ David BELL e Gill VALENTINE, 1996.

²¹ BELL e VALENTINE, 1995.

²² DILLEY, 1999, p. 469.

²³ BRITZMAN, 1998.

²⁴ Chet BOWERS, 1993.

²⁵ Rose DUNLAP et al., 2000.

conhecimentos.¹⁹ Estudos que simultaneamente problematizam as políticas de localização e de identidade, como *A Queer Geography: Journeys Toward a Sexual Self*, de Frank Browning,²⁰ e *Mapping Desire: Geographies of Sexualities*,²¹ têm especial relevância para a pesquisa em educação ambiental. Porém, a teorização *queer* também questiona a própria noção de normalidade e visa desmantelar, deslocar e 're-locar' as fronteiras das categorias de identidade (e nos identificamos com tal desejo). Como Patrick Dilley aponta, posições *queer* são úteis, mas não necessariamente o ponto de partida para a teorização *queer*: "qualquer pessoa pode encontrar uma posição *queer* (embora algumas possam ter uma vantagem sobre outras) [...] tal posição não depende da orientação sexual do indivíduo ou suas predileções, mas de sua habilidade em utilizar as (des)vantagens de tal posição".²² Deborah Britzman argumenta que a teoria *queer* questiona as bases da identidade e teoria:

A teoria *queer* se ocupa de um difícil espaço entre significante e significado, onde algo *queer* acontece ao significado – a história e os corpos – e algo *queer* acontece ao significante – a língua e a representação [...] mas "queer" como "teoria" em teoria *queer* não depende da identidade da/o teórica/o ou daquela/e a lidar com a área. *Queer* em teoria *queer* antecipa a precariedade do significado: os limites dentro de suas convenções e regras e os modos em que as diversas convenções e regras incitam performances, citações e inconveniências subversivas.²³

Aqui em Camp Wilde, queremos tornar *queer* os significados 'normais' da pesquisa em educação ambiental, tais como a natureza como um objeto de conhecimento, ecologia, relações entre corpo e paisagem e as relações entre corpos de conhecimento, professoras/es e aprendizes. Também queremos tornar *queer* os significantes da pesquisa em educação ambiental, incluindo as linguagens e representações com as quais/nas quais falamos e escrevemos sobre educação ambiental, trazendo-a à existência. Por exemplo, sugerimos que formulações de propósito tidas como sólidas e estabelecidas, tais como "a recuperação do imperativo ecológico"²⁴ e os padrões de formulação de pesquisa, como aqueles que medem as orientações de aprendizes para o paradigma social dominante ou o novo paradigma ecológico,²⁵ não são tão exatos quanto muitas/os educadoras/es ambientais e pesquisadoras/es pensam. Em outras palavras, queremos investigar os modos em que a heteronormatividade configura 'ignorância' na pesquisa em educação ambiental. Jon Wagner geralmente divide a 'ignorância' em "pontos em

branco” e “pontos cegos”: o que sabemos bem o suficiente para perguntar, mas não para responder, são nossos pontos em branco; o que não sabemos o suficiente para perguntar sobre ou dar alguma importância são nossos pontos cegos; áreas em que teorias, métodos e percepções existentes nos impedem de ver ou imaginar objetos e fenômenos os quais provocam a curiosidade que dá início a pesquisas.²⁶

²⁶ Veja também GOUGH, 2002.

Nossa primeira convidada, Mary Aswell Doll, ofereceu-nos uma performance subversiva do que ela descreve em outro texto como “tornar verde a imaginação”,²⁷ fortalecendo nossa convicção de que Camp Wilde não poderia ter nome melhor.

²⁷ DOLL, 2000.

Uma horrível simpatia: natureza de cabeça para baixo

Mary Aswell Doll

Aquelas/es que vão além da superfície o fazem sob seu próprio risco (WILDE, 1890)

Se eu fosse levar a sério o imperativo ecológico, poderia ouvir mais, cavoucar mais e me jogar na lama. Ao invés de falar sobre imperativos, com aquela clássica necessidade imperiosa, posso seguir outra direção. Os alquimistas tinham um ditado sobre como alguém se aprofunda na imaginação de questões elevadas e profundas. “*Opus contra naturam*” era a expressão usada para descrever o ato de ir a uma direção contrária ao crescimento. O ouro da substância material se forma, eles diziam, fora de sua impureza pessoal. Imagine! Ao concentrarem-se no nigredo de seu próprio material psíquico, esses primeiros ecologistas viram paralelos entre o laboratório e o *self*. Eles perceberam que o mais importante não eram os conhecimentos exteriores, mas a matéria interior, o material da imaginação. Ocorreu-lhes que o “ouro” da transformação encontra-se verdadeiramente no interior e a mudança de padrões internos gera preciosos efeitos no exterior. O modelo de crescimento e seu pesado vínculo com a saúde, com a felicidade e com o desenvolvimento precisam ser revistos, redirecionados, dobrados, invertidos, revertidos – tornar-se *queer*. E lá, na própria sujeira, há outro sistema, escondido talvez, mas não ausente.

Falo de uma imaginação vegetal. Sociedades que viviam da terra sabiam o que voltar-se para baixo implicava. Significa não se voltar para o exterior, como o fazem as sociedades caçadoras, com suas técnicas e necessidade de matar, mas para baixo, para o solo de maneiras tais como irrigar, aparar, podar, cavar, cheirar e observar. O que a terra emana é a sua própria carne, florescendo na

substância da videira que todos dividimos. As sociedades antigas ensinavam a observar e aprender com o ciclo natural de vida-morte-vida. Trata-se de outra ordem de conservação.

Já dormi sob as estrelas em colchão inflável e em saco de dormir, já cozinhei *bacon* sobre uma fogueira, mas estou aqui para sugerir o que 'acampar', em outro sentido, pode implicar. Poderia ser algo não tão levado a sério por alguém. Com uma seriedade terrível, cristalizamos nossa postura com respeito às questões da terra. E então falamos sobre "paradigmas dominantes" e "relações de poder/conhecimento" como se o conhecimento fosse a questão-chave para dominar a nova ideologia.

Esta seriedade terrível é mortal. Vê-se somente uma face humana refletida nas águas, sendo que o cosmos contém tantas formas de vida quanto ampla variedade. O problema da seriedade é o seu literalismo, incapaz de pensar, por exemplo, como o Buda pensa quando compara tipos de pessoas com pedras, areia ou água. Aqueles que se assemelham a letras escritas em água corrente, escreveu ele, estão mais evoluídos não porque estejam firmes em suas crenças ou possuam convicções sólidas ou acreditam nos sistemas de pirâmides, mas porque escutam mais e observam o que não está no ir e vir dos padrões naturais.

Acampar em outro sentido significa considerar a natureza com uma abordagem semelhante à de Wilde, em inglês considerar a natureza, *the wild*, mais *Wildely* (à maneira de Wilde). O trocadilho, visto antigamente como a forma mais baixa de humor, pode ser profundo, pois soa como duas coisas, duas entidades, duas palavras, dois mundos simultaneamente. O trabalho de Wilde é marcado por seriedade em trocadilho, como em *O retrato de Dorian Gray*. O romance trata de arte e superfícies, mas também trata do desejo por leis monstruosas que funcionam como um *opus contra naturam*. Como uma constante metáfora, encontramos a mítica história de Narciso, o jovem apaixonado por sua própria beleza, refletida para ele na superfície da água. Wilde pode estar falando sobre sua paixão por jovens belos, ou descrevendo sobre o amor pela imagem: o que se vê por baixo das superfícies, o que se encontra nas águas da imaginação. Ao invés de uma ordem de cima para baixo, em que fantasias de dominação e poder estão à espreita, sugere-se um movimento diferente, o qual privilegia a pequenez e a invisibilidade. Mesmo Darwin, como lhe é atribuído, teria escrito uma nota de rodapé em um de seus livros: nunca diga superior ou inferior. Ele queria reverter as hierarquias de modo a estudar minhocas sem recorrer ao mito do progresso. Eis uma comédia que capta sussurros, reverberações e ecos como um tipo de *opus contra naturam*.

Trabalhos escandalosos como os de Wilde desfiguram ideais estabelecidos e forçam a sua revisão. Quando ecologistas de hoje falam sobre a conservação e em conservar tradições, talvez se trate apenas de outro ideal estabelecido que precise de contraposição. Talvez a revisão necessária não esteja nos poderosos ideais do passado, mas em uma meditação mais humilde e bem-humorada sobre o húmus da terra. Como Wilde coloca, “se o homem das cavernas tivesse aprendido a rir, a história teria sido bem diferente”.²⁸

²⁸ WILDE, 1890, p. 30.

Corte simulada de Camp Wilde considera o presidente do *Institute for Earth Education* culpado por violação da Carta da Terra²⁹

²⁹ Nota das/os autoras/es: as/os residentes e hóspedes de Camp Wilde frequentemente se utilizam das instalações para organizar simulações de corte e se divertirem ao simular julgamentos de processos criminais e civis. Obtivemos o seguinte relatório dos arquivos de Camp Wilde em <http://www.worldwideweb.net/mootcourt.html>.

³⁰ EARTH CHARTER, INTERNATIONAL SECRETARIAT, 2001, p. 42.

A corte simulada de Camp Wilde irrompeu em risadas e ovações quando o júri, durante o julgamento simulado de Steve Van Matre, proferiu-lhe o veredicto de culpado. O fundador e autointitulado “presidente” do *Institute for Earth Education* fora acusado *in absentia* de violar o princípio 1.1 da Carta da Terra, que exige “o respeito, por parte de humanos, à Terra e à vida em toda a sua diversidade”.³⁰ Promotoras/es argumentam que Van Matre falhou ao cumprir com tal princípio por deliberada e conscientemente limitar a posição de sujeito da Terra para aquela de uma fêmea heterossexual, negando seus direitos civis de expressar livremente sua diversidade. A equipe de promotoras/es liderada pela estudante de Direito da Deakin University Kate Allgreen, baseou o processo nas próprias palavras de Van Matre, citando suas contribuições editoriais para o *Earth Speaks* como evidência de que ele supõe identidades sexualizadas tanto para si quanto para a Terra:

Você já ouviu a Terra?

Sim, a Terra fala, mas apenas àqueles dispostos a ouvir com seus corações. Ela fala sob milhares e milhares de pequenas maneiras, mas como nossas/os parceiras/os, familiares e amigas/os, ela geralmente manda mensagens sem palavras. Veja, a Terra fala na linguagem do amor. Sua voz está na forma de uma planta nova, na sensação de calcário desgastado pela água, na cor do céu do entardecer, no cheiro da chuva de verão, no som do vento noturno. Os sussurros da Terra estão por toda a parte, mas somente aqueles que se deitaram com ela podem prontamente responder ao seu chamado.

[...] apaixonar-se pela Terra é uma das grandes aventuras da vida, uma relação de amor como não há outra. Uma experiência arrebatadora a se repetir indefinidamente ao longo da vida. Não se trata de um romance fugaz, mas de um caso incomum.³¹

³¹ VAN MATRE, 1983a, p. 3-4.

Uma testemunha especialista, Dra. Sue Curry Jansen, professora de Comunicação na Muhlenberg College, sobre esta evidência, atesta que o posicionamento de Van Matre em relação à Terra é similar àquele de Francis Bacon, em cujos trabalhos a “mãe” natureza foi metaforicamente transformada em um objeto mais sexual – uma “noiva”, “amante” ou “simples prostituta”.³²

³² JANSEN, 1990, p. 239.

Outra testemunha, o semioticista Leon Patrick, atesta que, em outro trecho de *The Earth Speaks*, Van Matre se utiliza de imagens para a Terra com conotações tradicionalmente passivas ou femininas como “recipiente” e “barco da vida”,³³ e que o público jovem almejado pelos programas da Earth Education provavelmente interpretaria termos como “amantes”, “caso” e “romance” de modo a significar os relacionamentos convencionais (*i.e.*, heterossexuais). De acordo com o professor Patrick, o posicionamento de Van Matre em relação à Terra é ofensivamente paternalista e patriarcal, mesmo sendo a superfície de sua retórica aquela do “homem sensível” da nova era. Contra o argumento romântico de que “somente aquelas/es que se deitaram [com a Terra] podem prontamente responder ao seu chamado”, Patrick cita a precisa fala da eminente teórica feminista Donna Haraway: “Prefiro me deitar com uma/um *ciborgue* do que com um homem sensível [...] Homens sensíveis me preocupam”.³⁴ Patrick adiciona: “Se a Terra pudesse falar, ela/e haveria de concordar.”

³³ VAN MATRE, 1983b, p. 61

³⁴ Constance PENLEY e Andrew ROSS, 1991, p. 18.

Questionando a testemunha, o advogado de defesa Simon Wolfson apontou para o fato de que, exceto por quatro mulheres, os 75 escritos de prosa e poesia em *The Earth Speaks* foram feitos por homens. Já que Van Matre escolheu esses escritos “porque cada um a sua própria maneira fala pela Terra”,³⁵ não se infere, então, diz Wolfson, que o autor na verdade posicione a Terra como sendo macho? Essa sugestão foi rapidamente ridicularizada por um grupo de estudantes da York University, que começou a gritar, “parem com a leitura hétero!”, até a ordem ter sido restituída pelo juiz Russel Hart. De acordo com o professor Patrick, Van Matre piorou ainda mais a situação ao sugerir que a Terra apenas poderia falar por meio de intérpretes masculinos, em sua maioria – ou ventríloquos – colocando-a não somente na posição de passiva e feminina, mas também de muda.

³⁵ VAN MATRE, 1983c, p. IV.

Ao resumir para a defesa, o Sr. Wolfson argumentou que Van Matre era culpado apenas de boas intenções, e representar a Terra como um objeto de amor romântico não seria pior que compará-la ao relacionamento familiar e ao amor, tal qual a declaração de Susan Griffin: “a Terra é minha irmã, amo a sua graça diária [...] e quão amada eu sou”.³⁶

³⁶ GRIFFIN, 1989, p. 105.

Em sua última apresentação perante o júri, a Sra. Allgreen argumentou que interpretar a Carta da Terra em

Camp Wilde significa tornar *queer* a imagem antropomórfica da Terra como um objeto de amor e afeto, principalmente se esta imagem está implicitamente identificada com a mulher, explorada, oprimida e ignorada ao longo da história. A feminização da Terra por homens e mulheres com pensamento e fala hétero limita as posições subjetivas disponíveis tanto para indivíduos humanos quanto para a 'natureza' àquelas determinadas pela lógica binária da heteronormatividade.

O júri levou apenas alguns minutos para chegar ao veredicto de culpa. O juiz Hart sentenciou Van Matre a serviços comunitários, tendo este de atender como conselheiro pela igualdade de gênero, e a trabalhar como guia voluntário por, pelo menos, 500 horas com o *Queer(y)ing Nature*, um grupo para atividades ao ar livre em Frederection, New Brunswick, Austrália, "aberto a todas/os, e diretamente voltado a um público *queer*".³⁷

Problemas em Camp Wilde

Embora tenhamos nos divertido à custa de Steve Van Matre, esperamos que nossas/os leitoras/es possam apreciar nosso sério propósito. Em uma época passada, fomos membros do Institute for Earth Education (IEE) e ainda vimos grandes méritos em seus programas.³⁸ Nosso desencanto com a IEE começou mais ou menos na mesma época em que nos debruçamos com o trabalho de Donna Haraway³⁹ sobre primatas e *ciborgues*. Lemos como um convite para a proliferação de múltiplos e variáveis pontos de vista e para situar nossas alegações de conhecimento e questionar as relações 'normais' e 'naturais' entre conhecimento e poder.⁴⁰ Tanto as subjetividades e corporalidades *ciborgue* e *queer* questionam o uso normativo das afinidades entre natureza e gênero (deusa, mãe, irmã, amante) na produção de relações humanas com a natureza. Ambos cultivamos suspeitas acerca de leituras hétero dos sujeitos/objetos da pesquisa em educação ambiental, pois discursos sobre parentesco e comunidade na política ambiental e na educação ambiental promovem, com frequência, princípios de cuidado, compaixão e amor, os quais, por sua vez, reproduzem suposições heteronormativas implícitas sobre a identidade e os relacionamentos. Como Catriona Sandilands descreve, "*Queers* e *ciborgues* não são facilmente colocados em um gênero ou naturalizados e, portanto, representam um novo tipo de personagem a habitar os movimentos e fissuras de identidades em colisão e conluio".⁴¹

Por aproximadamente três décadas, ecofeministas vêm problematizando⁴² os binários normativos que associam homens com cultura, razão e superioridade e

³⁷ Atividades para tornar *queer* a natureza incluem acampar, fazer trilhas, ciclismo, andar de caiaque, esquiar, trilha na neve etc. Disponível em: <http://www.binetcanada.org/en/mar/play.html> <http://www.binetcanada.org/en/mar/play.html>. Acesso em: 1 set. 2002.

³⁸ Por exemplo: GOUGH, 1987 e GOUGH, 1990.

³⁹ HARAWAY, 1989b; 1991.

⁴⁰ Ver, por exemplo, GOUGH, 1990; GOUGH, 1993a e 1993c.

⁴¹ SANDILANDS, 1997, p. 19.

⁴² Utilizamos o termo "problematizar" [*troubling* no original] de modo similar a Lather (LATHER, 1996 e LATHER, and Christine SMITHIES, 1997), para significar que lemos termos "problematizados" como *sous rature* (sob ocultamentos), seguindo a abordagem de Jacques Derrida, de modo a lermos significantes desconstruídos como se seus significados fossem claros e 'indesconstruíveis', mas sob o entendimento de se tratar somente de uma estratégia (DERRIDA, 1985).

⁴³ GAARD, 1997, p. 115, Ver também: Judith PLANT, 1989; Val PLUMWOOD, 1993; Karen WARREN, 1997a.

⁴⁴ Por exemplo: Stacy ALAIMO, 1994; Irene DIAMOND e Gloria ORENSTEIN, 1990; Carolyn MERCHANT, 1996; SANDILANDS, 1997; WARREN, 1994.

⁴⁵ WARREN, 1997a, p. XI.

⁴⁶ O'LOUGHLIN, 1993, p. 148.

⁴⁷ PLUMWOOD, 1993.

⁴⁸ SANDILANDS, 1997, p. 250.

⁴⁹ GAARD, 1997; SANDILANDS, 1997 e 1999.

⁵⁰ Sheila JEFFREYS, 2003.

mulheres com natureza, emoção e subordinação. Por exemplo, Greta Gaard coloca que “as ligações históricas, conceituais, simbólicas e empíricas entre mulheres e natureza como construídas pela cultura ocidental exigem de feministas e ambientalistas um esforço libertador e conjunto se pretendem ter sucesso”.⁴³ O manifesto *ciborgue* de Haraway claramente inspirou muitas/os escritoras/es ecofeministas,⁴⁴ então, pensamos de início que muitas/os ecofeministas sentiriam-se em casa em Camp Wilde, com seu foco em tornar *queer* os significados normais (ou seja, ‘masculinos’) da pesquisa em educação ambiental. Entretanto, este não foi necessariamente o caso.

Pelo contrário, algumas/alguns de nossas/os colegas ecofeministas não estão nem um pouco felizes com nossa construção de Camp Wilde, pois a veem como um projeto branco masculinista, embora *queer*. Por exemplo, a fonte do ecofeminismo vem se expandindo de suas preocupações iniciais com o feminismo ecológico e reconhecendo “a existência de importantes conexões entre como se tratam as mulheres, pessoas de cor e classes menos privilegiadas por um lado, e como o ambiente não humano é tratado por outro”.⁴⁵ Ellen O’Loughlin resume essa nova orientação quando escreve: “Temos de examinar como o racismo, o heterossexismo, o classismo, o etarismo e o sexismo estão todos relacionados com o naturismo”.⁴⁶

Embora O’Loughlin mencione o heterossexismo, o ecofeminismo permaneceu em silêncio sobre a sexualidade até bem recentemente, assim como o movimento ambientalista e de educação ambiental. Portanto, o “mestre” da natureza em *Feminism and the Mastery of Nature*, de Plumwood,⁴⁷ é uma categoria não marcada: o homem heterossexual. Sandilands defende que epistemologias do ponto de vista feminista deveriam incluir um posicionamento feminista lésbico distinto, assim como um heterossexual, pois não há “uma ‘mulher’ essencial, típica ou preferencial, cuja vida deva servir de ponto de partida para a abordagem de uma teoria feminista”.⁴⁸ O que nos leva para outro grupo de mulheres incomodadas com Camp Wilde.

Ainda que algumas/alguns ecofeministas estejam confortáveis com a ideia de um “ecofeminismo *queer*”,⁴⁸ um emergente corpo de literatura lésbica problematiza a “política *queer*” ao argumentar que o forte movimento feminista lésbico, o qual se distingue da política do homem *gay* desde a década de 1970, foi subjugado por uma agenda *gay* nos anos 1990.⁵⁰ De acordo com tais visões, a agenda política *queer* é danosa para os interesses de lésbicas e mulheres em geral e para as constituintes marginalizadas e vulneráveis dentre os homens *gays* – e de fato deveríamos nos voltar para as lésbicas como a vanguar-

da das mudanças sociais, pois estão comprometidas com a igualdade e os relacionamentos e o sexo como base da transformação social. Sheila Jeffreys argumenta que a palavra “*queer*” é detestável para feministas lesbianas por conotar um “culto à masculinidade” especialmente quando ligado à palavra “política”, sendo “*queer*” “um termo genérico dentro do qual homens e lésbicas têm de se encaixar”.⁵¹ As mulheres para as quais Jeffreys fala podem sentir-se especialmente incomodadas pelas afirmações feitas por Sandilands de que “*queers* [...] não são facilmente colocados em um gênero”. Ainda resta saber como tais críticas podem ser abordadas dentro do ecofeminismo *queer*, mas elas claramente constituem um avanço do tornar *queer* e problematizar a pesquisa em educação ambiental.

Dentro do ecofeminismo, também podemos diferenciar diversas mudanças de foco. Por exemplo, Sandilands escreve sobre ecofeminismo como mais uma busca por democracia do que por conhecimentos baseados em noções essencialistas acerca da mulher como presentes nos primeiros escritos ecofeministas. Os argumentos de Sandilands são

Baseados em uma noção de política de subjetividade em que o sujeito é imperfeitamente constituído no discurso pela tomada de múltiplas posições de sujeito, espaços discursivos descrevendo momentos distintos de representação simbólica derivados de um entendimento comum. As categorias “mulher” e “natureza”, nesta formulação, aparecem como representações comuns (e possivelmente irônicas) por cujos meios podem as políticas democráticas progredir, ao invés de serem afirmações sobre uma identidade oposta e inerente.⁵²

Harding compartilha da busca por um futuro mais democrático ao dizer que “os valores democráticos, aqueles a priorizar a busca por críticas à crença dominante por meio da perspectiva dos grupos menos privilegiados, tendem a aumentar a objetividade dos resultados da pesquisa”.⁵³ Embora grande parte da literatura ecofeminista afirme a necessidade de se considerarem as conexões empíricas entre mulheres, pessoas de cor, crianças, pobres e a natureza,⁵⁴ os espaços criados para tornar *queer* a educação ambiental, sob uma perspectiva ecofeminista, parecem a nós mais produtivos com respeito a “apontar como resultam em melhores entendimentos sobre a natureza, projetos científicos que se ligam a ou incorporam projetos para o avanço da democracia; [e como] sociedades politicamente regressivas têm maior tendência a produzir noções parciais e distorcidas do mundo natural e social”.⁵⁵ Reconhecer a base heterossexual da cultura ocidental nos oferece um

⁵¹ MYTON, 2003, p. 18.

⁵² SANDILANDS, 1999, p. XX.

⁵³ Sandra HARDING, 1993, p. 18.

⁵⁴ Por exemplo, WARREN, 1997b.

⁵⁵ HARDING, 1993, p. IX.

espaço para ler a natureza de modo diferente e desenvolver pesquisas em educação ambiental mais democráticas. Nosso convidado, Warren Sellers, demonstra como uma estética *queer* pode produzir tais leituras alternativas.

Aubrey Beardsley: o pintor de Camp Wilde

Warren Sellers

⁵⁶ Beardsley diz que suas imagens “figuram” ao invés de “ilustrar”: “Quando se tornou editor de arte do *The Yellow Book*, insistiu que a política do jornal permitisse que seu trabalho artístico fosse mantido em vez de ilustrar determinadas contribuições” (Charles BERNHEIMER, 2002, p. 215).

⁵⁷ BERNHEIMER, 2002.

Aubrey Beardsley é o pintor⁵⁶ que associa a Camp Wilde. Suas imagens estão entre os mais evidentes e decadentes exemplos de ironia vinda do *fin de siècle* ao organizar formas orgânicas em *objets d'art nouveau*. De acordo com Charles Bernheimer,⁵⁷ *Salomé: A Tragedy in One Act* trouxe Beardsley para Camp Wilde seguindo um *pas de deux*, que viu Beardsley especulando sobre um desenho, intitulado “*J'ai baisé ta bouche, Iokanaan*”, na edição inaugural de *The Studio*, a qual resultou em Wilde organizando uma comissão para o artista ilustrar a edição da *Bodley Head*, de 1894, incluindo “O Clímax”.

Ao escrever sobre a fixação por Salomé ou *Salomania* da Europa no *fin de siècle*, Bernheimer refere-se à tese de Bram Dijkstra's de que

Salomé corporifica a fantasia masculina da perversidade inerente à mulher. Ela é a predadora cuja luxúria destitui o homem de sua virilidade, uma sádica castradora cujas vítimas só podem sobreviver a sua violência se encontrarem prazer masoquista na submissão ou, melhor ainda, se livrarem o mundo dessa provedora de vício e degeneração. O ódio misógino pela judia Salomé, diz Dijkstra, ajuda a preparar o terreno para a violência genocida do século vinte.⁵⁸

⁵⁸ BERNHEIMER, 2002, p. 104-105.

Embora seja o projeto de Bernheimer desvelar os complexos papéis de Salomé além da “insegurança masculina e do antifeminismo” e mostrar como “ela cria aberturas para novos insights acerca do papel da negatividade na psique e na escrita”,⁵⁹ meu projeto é o de reconhecer o relacionamento simbólico entre a fixação com o clímax de Salomé e a preocupação com o clima de Gaia. Sugiro que as imagens nas ilustrações de Beardsley são uma complexa representação gráfica tanto das consequências do colapso da consciência em torno da ciência moderna reducionista e da cultura, quanto das potencialidades para noções emergentes de complexidade sugeridas pela Hipótese Gaia de James Lovelock. Em sua autobiografia, Lovelock escreve:

⁵⁹ BERNHEIMER, 2002, p. 106.

Sabemos o suficiente sobre organismos vivos e os sistemas da Terra para perceber que não podemos explicá-los pela ciência reducionista por si só [...] O erro mais profundo da biologia moderna faz-se

presente na crença de que organismos interagem somente com outros organismos e meramente se adaptam ao seu ambiente material.⁶⁰

⁶⁰ LOVELOCK, 2000, p. 390.

Minha leitura dos desenhos de Beardsley vê uma figura 'multi-estável', uma *gestalt* que flui por meio dos significados. Na superfície, há obsessão por desejo e desmembramento, separação e exame analíticos e arbitrária alusão à semelhança e à diferença. Porém, internamente, há também os fractais caóticos de Benoit Mandelbrot⁶¹ e as complexas espiroquetas de Lynn Margulis e Ricardo Guerrero.⁶²

⁶¹ James GLEICK, 1987.

⁶² MARGULIS e GUERRERO, 1991.

Nosso desafio em Camp Wilde é o de desvelar a ironia decorativa, como exemplificada pela revista *Victoriana*, revelar a hábil visualização do emergente caos e complexidade científico e social e desembrulhar as belas e paradoxais imagens do potencial de não vida decorrente do desejo androcêntrico obsessivo em tomar e partir o mundo a força.

Minha leitura de *O Clímax* revela a confusão entre clonagem 'involucionária' e revestimento evolucionário por parte da espécie humana. O clímax de Salomé é o pesadelo do desaparecimento do cromossomo Y, o espermatóide de uma espécie esvaindo-se de volta para a poção eterna e primordial que é tanto o veneno e o colostro. O cientificismo é a análise da humanidade a partir de sua existência. Como Mary Midgely coloca,

Nós cuidadosamente excluímos todo o não humano de nosso sistema de valores e reduzimos esse sistema às condições do interesse individual. Como certamente nenhum outro grupo de pessoas, estamos tão iludidos quanto aos modos de reconhecer as reivindicações do grande todo que nos cerca, o mundo material do qual somos parte, que nosso vocabulário físico e moral cuidadosamente costurado para o contrato social não é capaz de nos conceder uma linguagem para reconhecer a crise ambiental.⁶³

⁶³ LOVELOCK, 2000, p. 390.

Tal pobreza de linguagem é o motivo pelo qual Camp Wilde precisa de representações novas e criativas que também exponham as ilusões crescentes, penetrantes e corrosivas da tela prateada como se fossem afirmações 'verdadeiras', designadas para cativar seres humanos. Wilde atacou a fabricação dessas afirmações em *A decadência da mentira* ao dizer que "a arte encontra sua própria perfeição em si mesma, e não fora de si. Ela não deve ser julgada por nenhum padrão externo de semelhança. A arte está mais para um véu do que para um espelho".⁶⁴ De acordo com Bernheimer, o "padrão externo" de Wilde tratava da natureza, uma ideia que Beardsley "estende ao reino das artes; a arte da/o ilustradora/ilustrador [...] não precisa ser

⁶⁴ BERNHEIMER, 2002, p. 135.

⁶⁵ BERNHEIMER, 2002, p. 135.

subserviente à arte da/o escritora/escritor; se a/o escritora/escritor coloca um véu ao invés de espelhar a natureza, a/o ilustradora/ilustrador coloca um véu em qualquer semelhança possível de suas figuras com o mundo verbal externo”.⁶⁵ Essa noção de ver através dos véus, olhar adiante, além e no interior da superfície ilusória, percebendo o todo extensivo é extremamente reveladora, percebendo-se também a necessidade de superar a observação subjetiva do objetivo e de apreciar tornar-se completa/o por meio de noções complexas de aluvião e não métodos de análise. O naturalmente científico existe tanto no ato de figurar o ser quanto no de escrever sobre ele.

Diferentes maneiras com as palavras

Os jovens escoteiros estão sempre preparados
Para rejeitá-lo
Se puderem encontrá-lo
Em suas barracas
Atrás de suas fogueiras crepitantes⁶⁶

⁶⁶ Roger PLATIZKY, 1998.

Compartilhamos da desconfiança de Sellers em relação ao logocentrismo reducionista, mas também não desejamos sugerir que os modos verbais de representação tenham limites necessários ou essenciais. Há muitas maneiras de escrever além da prosa 'hétero', e embora inscrições *queer* possam, às vezes, parecerem meras afetações, devemos estar atentos para suas possibilidades interrogativas. Por exemplo, o título do livro de Bronwyn Davies,⁶⁷ *(In)scribing Body/Landscape Relations* [o equivalente em português poderia ser *(in/e)screvendo relações corpo/paisagem*], exige que as/os leitoras/es tentem decifrar não somente suas palavras mas também sua pontuação: os parênteses e a barra lateral convidam-nas/nos a suspeitar das relações 'normais' (e mesmo a romper com tais normas) entre palavras, corpos e paisagens. Davies explora as maneiras em que a língua – palavras inscritas em textos e vocalizadas no discurso – poderia problematizar (e até mesmo causar um colapso) os binários de paisagem e corpo e seus respectivos 'outros'. Ela desafia, por exemplo, o binário mente/corpo por meio de biografias coletivas e as/os participantes assim aprendem que a mente habita não somente o cérebro, mas o corpo todo, ao escreverem em uma linguagem a recuperar “o corpo poético, sensível”.⁶⁸ Seu objetivo é mostrar os corpos na paisagem, corpos como paisagem (corpos maternos, por exemplo) e paisagens como extensões dos corpos, tudo sendo “trabalhado e re-trabalhado, escrito e re-escrito”.⁶⁹ Seu estilo de escrita parece ser inspirado por Hélène Cixous, cuja *écriture féminine* inscreve conhecimento materializado por diferentes estilos de escrita (tais como poesia lado a lado à exposição

⁶⁷ DAVIES, 2000.

⁶⁸ DAVIES, 2000, p. 168.

⁶⁹ DAVIES, 2000, p. 249.

convencional) de modo a fundir experiência e subjetividade com análise.

⁷⁰ DAVIES, 2000, p. 63.

Em um capítulo coescrito com Hilary Whitehouse, Davies re/apresenta “homens australianos conversando sobre virarem ambientalistas”⁷⁰ em maneiras que demonstram a potencialidade geradora de abordagens pós-estruturalistas para a compreensão de relações corpo/paisagem. Seu estudo explora a adoção de discursos ambientalistas por um pequeno grupo de homens vivendo e trabalhando no extremo norte do Estado de Queensland e analisa as complexas relações entre o discurso do ambientalismo e paisagens específicas, que constituem (e são constituídas por) esses homens. A fala deles revela uma fronteira entre macho/masculinidade dominante e formas mais femininas ou espirituais, ou politicamente corretas de masculinidade. Eles falam de um estereótipo de masculinidade macho que constroem como sendo outro em relação a si mesmos e, principalmente, outro em relação aos ‘eus’ produzidos em sua fala com Davies e Whitehouse. Mas alguns desses homens admitem serem atraídos a essa forma indesejável de masculinidade e um deles descreve ter sido envolvido pela fala e padrões de desejo macho ao tornar-se parte da cena gay:

Quando “saiu do armário” como gay, pensou que encontraria vários homens como ele, rejeitados que nunca alcançaram e nem queriam alcançar as formas dominantes de masculinidade. Para seu horror, descobriu ser tão diferente de outros homens gays na rural cidade de Queensland para a qual mudou, quanto era diferente de homens heterossexuais.⁷¹

⁷¹ DAVIES, 2000, p. 72.

Outros homens, no estudo de Davies e Whitehouse, descrevem experiências adolescentes com expressões “errôneas” da masculinidade de maneiras dominantes e por meio de heroísmo alcoolizado, nas quais eles se sentiam como machos em relação à natureza fêmea. Esses homens ficavam embaraçados ao falar de tais experiências da juventude, pois se remodelaram como adultos pró-feministas e ambientalmente conscientes. Um deles relembra sua ida aos arbustos, quando tinha 15 anos e ficou extremamente bêbado:

Escolhemos os arbustos [...] por causa da privacidade obviamente, porque você não podia ser visto. Além do mais, era como se rebelar, sabe, você está lá em frente à natureza e você é um homem e, esta é uma confissão constrangedora de fazer, mas umas das coisas que fiz, que lembro ter feito, foi quando estava realmente puto e cavei um buraco na terra, meus amigos se aproximaram e eu estava fertilizando a terra [...] e eles disseram: “– O que você está fazendo?” e eu disse: “–

⁷² DAVIES, 2000, p. 75. Ah, estou fodendo a Mãe Terra." Faz vinte anos que já não pensava mais no ocorrido.⁷²

Davies e Whitehouse consideram o *insight* deste homem 'interessante': "Como um jovem bêbado, querendo conquistar a natureza, seu ato de copular com ela, como ele explicou mais adiante, combinou o amor pela natureza e a conquista da natureza".⁷³

⁷³ DAVIES, 2000, p. 75.

A partir daqui, devemos divagar. Todo esse papo de fertilizar e foder nos lembra de Steve Van Matre dormindo com a natureza, Mary Doll cavando e se jogando na lama e, principalmente, Chet Bowers⁷⁴ que, com frequência, volta-se para metáforas 'de raízes' em suas exposições para um entendimento ecológico do currículo. Cada uma/um dessas/es autoras/es escolhe metáforas consistentes com nossas próprias inclinações para criar e conservar conexões orgânicas e evolucionárias com a Terra e com as pessoas, umas/uns às outras/os. Porém, as metáforas importam no sentido literal devido ao seu efeito material e, mesmo que não possamos pensar por metáforas, somos responsáveis pelas metáforas que escolhemos privilegiar e, portanto, precisamos fazer uma autocrítica e sermos responsáveis para com os efeitos de seu uso. Imaginamos, então, até que ponto precisamos desconfiar das materialidades imaginadas por meio das metáforas por nós escolhidas. Quando e sob quais circunstâncias deveríamos nos lembrar que uma 'metáfora de raiz' é uma metáfora e não se refere a uma raiz 'real'? Haraway faz um pergunta difícil e pertinente a todos nós que trabalhamos com palavras: "Como pode a metáfora não desmoronar na coisa-em-si e dela manter-se afastada?"⁷⁵ Em outras palavras, como podemos resistir em replicar os mundos por nós analisados em nossas próprias práticas semióticas-materiais? Coisas *queers*, as metáforas.

⁷⁴ BOWERS, 2002.

⁷⁵ HARAWAY, 1994, p. 60.

Voltando-nos novamente a Davies e Whitehouse, notamos que, embora somente um dos ambientalistas em sua pesquisa tenha se identificado como *gay*, todos encontraram diferentes estratégias para "problematizar a superfície da masculinidade racional dominante e para buscar tornar-se parte das paisagens de formas concretas".⁷⁶ E se dão conta de que

⁷⁶ DAVIES, 2000, p. 84.

"natureza" tem muitos significados, assim como "masculinidade", havendo muita contradição entre eles. Uma maneira de lidar com esses diferentes significados é o desempenhar de práticas discursivas e materiais específicas a determinados contextos no tempo e espaço (tais como "o bar" e "o Parque Nacional de Kakadu"). Outra maneira é fundir e revelar elementos de um discurso e o conjunto de práticas relacionadas com outros discursos e práticas. Esses homens constantemente *separam a si mesmos* dos

outros, menos homens, machos exploradores do meio ambiente e das mulheres, mas a imagem individualista do herói não é fácil de ser deixada para trás. Cada homem escapa da cultura e de outros homens em uma jornada de renovação e retorno. Cada um se encontra vulnerável às práticas e discursos da cultura na qual se insere – vulnerável para se tornar “como eles”.⁷⁷

⁷⁷ DAVIES, 2000, p. 85, ênfase no original.

Propomos que o “separar a si mesmos” ao qual Davies e Whitehouse referem-se é contínuo com um autônomo tornar *queer* da identidade que é “específico a determinados contextos no tempo e espaço”,⁷⁸ uma interpretação geradora de questionamentos para a pesquisa em educação ambiental. Por exemplo, a análise de ambos sugere que poderia ser possível ‘ler’ alguns textos populares da mídia – o programa da TV *O caçador de crocodilos* nos vem imediatamente à cabeça – não somente como entretenimentos banais, mas também como complexas inscrições de relações corpo/paisagem. Seria Steve Irwin o Liberace das terras selvagens da Austrália? E ao responder tal pergunta, o que poderíamos aprender sobre nossos conhecimentos localizáveis e materializados em/sobre o teatro/paisagem que compartilhamos com ele? Peter Appelbaum e sua filha Sophia demonstram semelhante abordagem desconstrutivista de tornar *queer* as relações corpo/paisagem ‘normais’ em sua leitura de um popular exemplar de ficção para jovens adultos.

⁷⁸ DAVIES, 2000, p. 85.

O ouvido, o olho e o braço: crítica literária em Camp Wilde

Peter e Sophia Appelbaum

Nossa família vem lendo o livro *The Ear, the Eye and the Arm* [O ouvido, o olho e o braço] de Nancy Farmer (1995). No Zimbábue futurista, as pessoas vivem em “*Dead Man’s Vlei*” [O Vlei dos homens mortos], um ex-depósito de lixo tóxico com densas camadas de algo outrora chamado de ‘plástico’. As pessoas são quase invisíveis; misturando-se com o cinza do *Vlei*, elas são parte do *Vlei* e o *Vlei* é parte delas. Temos discutido esse livro conforme lemos vários capítulos por noite, antes de dormir. Chama-me (Peter) a atenção o fato de a questão do lixo tóxico ser apresentada não como um detalhe do enredo, mas como pano de fundo para o desenvolvimento de personagens importantes. As personagens principais têm importantes experiências em *Vlei* que as ajudam a entender como crescer nesta experiência fora da segurança de sua casa pela primeira vez. Curiosamente, a sequência deste romance cômico se

passa em uma sociedade utópica na qual a tecnologia moderna foi levada para longe de seus domínios. Tudo parece 'bem' de início para as/os jovens heroínas/heróis cujas aventuras temos o privilégio de compartilhar pela leitura. Em cada situação, o meio ambiente e a tecnologia não são o foco principal da história, mas o contexto no qual indivíduos humanos constroem seu senso de humanidade, ética e de relacionamento com a paisagem.

⁷⁹ BRITZMAN, 1996.

É nesta perversidade de detalhes ambientais por meio da negação de centralidade que a centralidade do meio ambiente emerge. Britzman⁷⁹ descreve perversidade como "prazer sem utilidade" e é exatamente o uso não utilitário da paisagem na novela de Farmer o meio encontrado por nós para gerar, de modo peculiar, interesse pelo nosso próprio relacionamento com o meio ambiente. Noel Gough⁸⁰ também escreve sobre este fenômeno, argumentando que, ao lerem e discutirem ficção científica e literatura *cyberpunk* juntas/os, professoras/es e alunas/os podem reavaliar as relações humanas com a ciência, a tecnologia e o meio ambiente. Em *The Ear, the Eye and the Arm*, mutações causadas pela devastação ambiental levam a manifestações singulares das mudanças possíveis de ocorrerem em humanos devido a tal devastação. O título refere-se a humanos mutantes que têm suas habilidades de percepção perversamente ampliadas; as mutações são o resultado de nascer em regiões tóxicas do país. Entretanto, é por meio dessas três personagens, e, implicitamente, das mudanças ocorridas no meio ambiente devido às ações humanas, que as/os heroínas/heróis do romance são capazes de realizar seu potencial, a civilização utópica é salva e o mundo de ciência e magia submerge em um clímax, o qual, em nossa opinião, seria melhor não revelar àquelas/es que ainda não leram o livro.

⁸⁰ GOUGH, 1993b.

Um local de descanso (sem embargos)

Uma maneira pela qual decidimos explorar novos gêneros de pesquisa em educação ambiental foi nos aventurar além de nossas zonas seguras para produção deste ensaio. Quando convidamos Mary Doll e Warren Sellers para visitar Camp Wilde, não sabíamos o que elas/es trariam com elas/es ou como seria seu desempenho no 'camp' de suas imaginações. Mary ensina literatura e crítica literária e Warren trabalhou como *designer*, diretor, produtor, consultor e professor na indústria de mídia eletrônica. Seus modos de investigação e interpretação, por meio dos quais significados são produzidos dentro de suas respectivas tradições de relacionamentos sociais e organização, diferem daqueles com o que estamos mais acostumados. Não nos

surpreendemos quando algumas/alguns das/os revisoras/es de nossos manuscritos tiveram um pouco de dificuldade em entender as implicações de suas respectivas contribuições, ou porque foram escritas da maneira que foram. Uma/um revisora/revisor não se achou 'experiente o suficiente no gênero' em que suas contribuições foram escritas, considerando-as 'obscuras e confusas'.

Da mesma forma, quando convidamos Peter Appelbaum para visitar Camp Wilde, não esperávamos que ele trouxesse sua filha consigo, mas ficamos muito felizes por isso. Novamente, algumas/alguns revisoras/es não viram nenhuma conexão óbvia ou explícita entre a crítica literária de Peter e Sophia e a educação ambiental. Isso significa, em nosso ponto de vista, que tal conexão esteja ausente ou que devêssemos tentar assimilar a diferença entre seu entendimento de Camp Wilde e o nosso, tornando as conexões vistas por 'nós' mais explícitas. Desconfiamos das tentativas de tornar o estranho familiar e preferimos ler cada uma das contribuições de nossas/os hóspedes como um convite para trabalhar construtivamente com discursos que parecem desproporcionais sem, no entanto, colonizá-los.

Embora preferíssemos não estar na defensiva, sentimos-nos compelidos a responder a essas/es críticas/os que queriam de nós "uma discussão mais clara acerca da teoria *queer*". "Do jeito que está", escreve uma/um delas/es, "uma/um leitora/leitor menos cuidadosa/o poderia concluir que *queer* remete-nos meramente ao não convencional." Nós mantemos nosso direito de explorar como a teorização *queer* poderia funcionar e produzir, ao invés de explicar o que significa ou o que é. Se leitoras/es do *Canadian Journal of Environmental Education*⁸¹ (as/os quais, presumimos, são cuidadosas/os) querem saber o que aquelas/es a reivindicar um *status* autoritário na teorização *queer* pensam, recomendamos fontes como "*Notes toward a queer researcher's manifesto*",⁸² de Suzanne de Castell e Mary Bryson,⁸³ pois não ousamos dizer o que a teoria *queer* é, e também não podemos dizer o que não é. E se nosso ato de tornar *queer* as heteronormatividades na pesquisa em educação ambiental parece a algumas/alguns leitoras/es como "o meramente não convencional", aceitamos, então, tal risco. Parafraseando Haraway,⁸⁴ não estamos interessados em policiar as fronteiras entre *queer* e o não convencional; pelo contrário, nos estruturamos pelo fluxo de contato.

Chegou a hora de dar adeus a Camp Wilde. Esperamos que você tenha gostado de sua visita e que não tenha sido confortável demais. Esperamos que você volte e traga consigo algumas de suas próprias histórias para tornar *queer* a pesquisa em educação ambiental. Nós deliberadamente evitamos qualquer tentativa de fornecer uma definição direta

⁸¹ Nota da organizadora desta seção: este artigo foi originalmente publicado no *Canadian Journal of Environmental Education*. Imaginamos que as afirmações relativas a suas/seus leitoras/es podem ser estendidas às/aos leitoras/es da REF.

⁸² Embora esperamos que nosso trabalho esteja consistente com todos os sete itens do "*manifesto*" de De Castell e Bryson, não vemos nossas identidades como sendo limitadas com sua caracterização de pesquisadoras/es *queer*. Fiquem atentas/os a este espaço para nossas "notas por um manifesto da/o pesquisadora/pesquisador *ciborgue*".

⁸³ DE CASTELL e BRYSON, 1998, p. 249.

⁸⁴ HARAWAY, 1989a, p. 307.

e unívoca de metodologia *queer* ou apresentar um argumento compreensivo para 'se fazer' pesquisa *queer* em educação ambiental. Pelo contrário, juntamos alguns recursos teóricos e materiais culturais os quais tínhamos a mão e, com uma pequena ajuda de nossas/os amigas/os, apresentamos uma orientação para a pesquisa em educação ambiental, que, esperamos, nunca seja embargada por sua categorização como um 'novo gênero'.

AGRADECIMENTOS: agradecemos aos três pareceristas anônimos/as por indicarem possibilidades de leitura de partes do manuscrito que não havíamos previsto, o que nos possibilitou evitar tais interpretações. Também agradecemos a Connie Russell por sua cuidadosa revisão editorial e por sua paciência.

Referências bibliográficas

- ALAIMO, Stacy. "Cyborg and Feminist Interventions: Challenges for an Environmental Feminism." *Feminist Studies*, v. 20, n. 1, 1994. p. 133-152.
- BELL, David, and VALENTINE, Gill. (eds.). *Mapping Desire: Geographies of Sexualities*. London: Routledge, 1995.
- BERNHEIMER, Charles. *Decadent Subjects: The Idea of Decadence in Art, Literature, Philosophy, and Culture of the Fin de Siècle in Europe*. Baltimore, MD: The Johns Hopkins University Press, 2002.
- BOWERS, Chet A. *Critical Essays on Education, Modernity, and the Recovery of the Ecological Imperative*. New York: Teachers College Press, 1993.
- _____. "Toward a Cultural and Ecological Understanding of Curriculum." In: DOLL, William, and GOUGH, Noel. (eds.). *Curriculum Visions*. New York: Peter Lang, 2002. p. 75-85.
- BRITZMAN, Deborah. "On Becoming a Little Sex Researcher." *Journal of Curriculum Theorizing*, v. 12, n. 2, 1996. p. 4-11.
- _____. "Is There a Queer Pedagogy? Or, Stop Reading Straight." In: PINAR, William (ed.). *Curriculum: Toward New Identities*. New York: Garland, 1998. p. 211-231.
- BROWNING, Frank. *A Queer Geography: Journeys Toward a Sexual Self*. New York: Crown, 1996.
- DALE, Catherine Mary. "A Queer Supplement: Reading Spinoza after Grosz." *Hypatia*, v. 14, n. 1, 1999. p. 1-8.
- DAVIES, Bronwyn, and WHITEHOUSE, Hilary. *(In)scribing Body/Landscape Relations*. Walnut Creek, CA: Alta Mira Press, 2000.
- DE CASTELL, Suzanne, and BRYSON, Mary. "From the Ridiculous to the Sublime: On Finding Oneself in Educational Research." In: PINAR, William (ed.). *Queer Theory in Education*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1998. p. 245-250.

- DELEUZE, Gilles. *Difference and Repetition*. Trans. Paul Patton. New York: Columbia, University Press, 1994.
- DELEUZE, Gilles, and GUATTARI, Felix. *A Thousand Plateaus: Capitalism and Schizophrenia*. Trans. Brian Massumi. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1987.
- DERRIDA, Jacques. "Letter to a Japanese Friend." In: WOOD, David, and BERNASCONI, Robert (eds.). *Derrida and différance*. Warwick: Parousia Press, 1985. p. 1-5.
- DIAMOND, Irene, and ORENSTEIN, Gloria. *Reweaving the World: The Emergence of Ecofeminism*. San Francisco: Sierra Club Books, 1990.
- DILLEY, Patrick. "Queer Theory: Under Construction." *International Journal of Qualitative Studies in Education*, v. 12, n. 5, 1999. p. 457-472.
- DOLL, Mary Aswell. *Like Letters in Running Water: A Mythopoetics of Curriculum*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2000.
- DUNLAP, Rose et al. "Measuring Endorsement of the New Ecological Paradigm: A Revised NEP Scale." *Journal of Social Issues*, v. 56, n. 3, 2000. p. 425-442.
- EARTH CHARTER, INTERNATIONAL SECRETARIAT. *The Earth Charter Initiative Handbook*. San José, Costa Rica: Earth Charter International Secretariat, 2001.
- ECO, Umberto. *Postscript to the Name of the Rose*. Trans. William Weaver. New York: Harcourt, Brace, and Jovanovich, 1984.
- FARMER, Nancy. *The Ear, the Eye and the Arm*. New York: Penguin Putnam, 1995.
- GAARD, Greta. "Toward a Queer Ecofeminism." *Hypatia*, v. 12, n. 1, 1997. p. 114-137.
- GIBSON-GRAHAM, J. K. [GRAHAM, Julie, and GIBSON, Katherine]. "Queer(y)ing Globalization." In: NAST, Heidi, and PILE, Steve (eds.). *Places Through the Body*. New York: Routledge, 1997. p. 23-41.
- GLEICK, James. *Chaos: The Making of a New Science*. New York: Viking, 1987.
- GLENN, Joshua. *Hermeneut of the Month: Oscar Wilde*. Disponível em: <http://www.hermeneut.com/~a163.shtml>. Acesso em: 5 May 2003.
- GOUGH, Annette. "Environmental Education." In: MCRAE, Kate (ed.). *Outdoor and Environmental Education for Schools: Diverse Purposes and Practices*. South Melbourne: Macmillan, 1990. p. 41-53.
- GOUGH, Noel. "Greening Education." In: HUTTON, Drew (ed.). *Green Politics in Australia*. Sydney: Angus & Robertson, 1987. p. 173-202.
- _____. "Environmental Education, Narrative Complexity and Postmodern Science/Fiction." *International Journal of Science Education*, v. 15, n. 5, 1993a. p. 607-625.

- _____. *Laboratories in Fiction: Science Education and Popular Media*. Geelong: Deakin University, 1993b.
- _____. "Neuromancing the Stones: Experience, Intertextuality, and Cyberpunk Science Fiction." *Journal of Experiential Education*, v. 16, n. 3, 1993c. p. 9-17.
- _____. "Rethinking the Subject: (De)constructing Human Agency in Environmental Education Research." *Environmental Education Research*, v. 5, n. 1, 1999. p. 35-48.
- _____. "Ignorance in Environmental Education Research." *Australian Journal of Environmental Education*, v. 18, 2002. p. 19-26.
- GRIFFIN, Susan. "The Earth is My Sister." In: PLASKOW, Judith, and CHRIST, Carol (eds.). *Weaving the Visions*. San Francisco: Harper and Row, 1989. p. 105-110.
- HARAWAY, Donna. "Monkeys, Aliens, and Women: Love, Science, and Politics at the Intersection of Feminist Theory and Colonial Discourse." *Women's Studies International Forum*, v. 12, n. 3, 1989a. p. 295-312.
- _____. *Primate Visions: Gender, Race, and Nature in the World of Modern Science*. New York: Routledge, 1989b.
- _____. *Simians, Cyborgs, and Women: The Reinvention of Nature*. New York: Routledge, 1991.
- _____. "A Game of Cat's Cradle: Science Studies, Feminist Theory, Cultural Studies." *Configurations*, v. 2, n. 1, 1994. p. 59-71.
- HARDING, Sandra. *Whose Science? Whose Knowledge?* Ithaca: Cornell University Press, 1991.
- _____. (ed.). *The "Racial" Economy of Science: Toward a Democratic Future*. Bloomington: Indiana University Press, 1993.
- JANSEN, Sue Curry. "Is Science a Man? New Feminist Epistemologies and Reconstructions of Knowledge." *Theory and Society*, v. 19, 1990. p. 235-246.
- JARDINE, David. "Reflections on Education, Hermeneutics, and Ambiguity: Hermeneutics as a Restoring of Life to Its Original Difficulty." In: PINAR, William, and REYNOLDS, William (eds.). *Understanding Curriculum as Phenomenological and Deconstructed Text*. New York: Teachers College Press, 1992. p. 116-127.
- JEFFREYS, Sheila. *Unpacking Queer Politics: A Lesbian Feminist Perspective*. Cambridge, MA: Polity Press, 2003.
- JOYCE, David. *Mandelbrot Set*. Disponível em: <http://aleph0.clarku.edu/~djoyce/julia/mandel12.gif>. Acesso em: 22 May 2003.
- LATHER, Patricia. "Fertile Obsession: Validity after Poststructuralism." *The Sociological Quarterly*, v. 34, n. 4, 1993. p. 673-693.
- _____. "Troubling Clarity: The Politics of Accessible Language." *Harvard Educational Review*, v. 66, n. 3, 1996. p. 525-545.

- LATHER, Patricia, and SMITHIES, Christine. *Troubling the Angels: Women Living with HIV/AIDS*. Boulder, CO: Westview Press, 1997.
- LOVELOCK, James. *Homage to Gaia: The Life of an Independent Scientist*. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- LYONS, David. "Bentham's Panopticon: From Moral Architecture to Electronic Surveillance." *Queen's Quarterly*, v. 98, 1991. p. 596-617.
- MARGULIS, Lynn, and GUERRERO, Ricardo. "Two Plus Three Equal One: Individuals Emerge from Bacterial Communities." In: THOMPSON, William Irwin (ed.). *Gaia 2 Emergence: The New Science of Becoming*. Hudson, NY: Lindisfarne Press, 1991. p. 50-67.
- MCWILLIAM, Erica. *Pedagogical Pleasures*. New York: Peter Lang, 1999.
- MERCHANT, Carolyn. *Radical Ecology: The Search for a Livable World*. New York: Routledge, 1992.
- _____. *Earthcare: Women and the Environment*. New York: Routledge, 1996.
- MEYER, Moe. "Under the Sign of Wilde: An Archaeology of Posing." In: _____. (ed.). *The Politics and Poetics of Camp*. London: Routledge, 1994. p. 75-109.
- MYTON, D. "Queering Their Pitch." *Campus Review Incorporating Education Review*, v. 12, n. 14, 2003. p. 18.
- NICOLL, Fiona. "'Up ya bum'? Queer(y)ing Australian Nationalist Subjectivity." *Critical InQueeries*, v. 1, n. 3, 1997. p. 53-57.
- O'LOUGHLIN, Ellen. "Questioning Sour Grapes: Ecofeminism and the United Farm Workers Grape Boycott." In: GAARD, Greta (ed.). *Ecofeminism: Women, Animals, Nature*. Philadelphia, PA: Temple University Press, 1993. p. 148-160.
- PENLEY, Constance, and ROSS, Andrew. "Cyborgs at Large: Interview with Donna Haraway." In: _____. (eds.). *Techno Culture*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1991. p. 1-20.
- PINAR, William. *Queer Theory in Education*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1998.
- PLANT, Judith. *Healing the Wounds: The Promise of Ecofeminism*. Philadelphia, PA: New Society Publishers, 1989.
- PLATIZKY, Roger. "We 'Were Already Ticking and Didn't Even Know' [It]: Early AIDS Works." In: PINAR, William (ed.). *Queer Theory in Education*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1998. p. 337-348.
- PLUMWOOD, Val. *Feminism and the Mastery of Nature*. New York: Routledge, 1993.
- RUSSELL, Constance, SARICK, Tema, and KENNELLY, Jacqueline. "Queering Environmental Education." *Canadian Journal of Environmental Education*, v. 7, n. 1, 2002. p. 54-66.
- SANDILANDS, Catriona. "Lavender's Green? Some Thoughts on Queer(y)ing Environmental Politics." *UnderCurrents*, v. 7, n. 3, 1994. p. 20-24.

- _____. "Mother Earth, the Cyborg, and the Queer: Ecofeminism and (More) Questions of Identity." *NWSA Journal*, v. 9, n. 3, 1997. p. 18-40.
- _____. *The Good-Natured Feminist: Ecofeminism and the Quest for Democracy*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1999.
- VAN MATRE, Steve. "Earth Magic." In: VAN MATRE, Steve, and WEILER, Bill (eds.). *The Earth Speaks: An Acclimatization Journal*. Warrenville, Illinois: The Institute for Earth Education, 1983a. p. 3-7.
- _____. "Earth Wisdom." In: VAN MATRE, Steve, and WEILER, Bill (eds.). *The Earth Speaks: An Acclimatization Journal*. Warrenville, Illinois: The Institute for Earth Education, 1983b. p. 61-66.
- _____. "Introduction." In: VAN MATRE, Steve, and WEILER, Bill (eds.). *The Earth Speaks: An Acclimatization Journal*. Warrenville, Illinois: The Institute for Earth Education, 1983c. p. V-VI.
- WAGNER, Jon. "Ignorance in Educational Research: Or, How Can You Not Know That?" *Educational Researcher*, v. 22, n. 5, 1993. p. 15-23.
- WARREN, Karen. *Ecological Feminism*. New York: Routledge, 1994.
- _____. *Ecofeminism: Women, Culture, Nature*. Bloomington: Indiana University Press, 1997a.
- _____. *Taking Empirical Data Seriously, Ecofeminism: Women, Culture, Nature*. Bloomington: Indiana University Press, 1997b. p. 3-20.
- WILDE, Oscar. *The Picture of Dorian Gray*. New York: Dover, 1890.
- _____. "A Few Maxims for the Instruction of the Over-Educated." In: _____. *The Complete Works of Oscar Wilde*. New York: Harper and Row, 1989. p. 1203-1204.

[Recebido em agosto de 2010 e aceito para publicação em dezembro de 2010]

Tradução: Bruno Carlucci

Tales From Camp Wilde: Queer(y)ing Environmental Education Research

Abstract: *This paper questions the relative silence of queer theory and theorizing in environmental education research. We explore some possibilities for queering environmental education research by fabricating (and inviting colleagues to fabricate) stories of Camp Wilde, a fictional location that helps us to expose the facticity of the field's heteronormative constructedness. These stories suggest alternative ways of (re)presenting and (re)producing both the subjects/objects of our inquiries and our identities as researchers. The contributors draw on a variety of theoretical resources from art history, deconstruction, ecofeminism, literary criticism, popular cultural studies, and feminist poststructuralism to perform an orientation to environmental education research that we hope will never be arrested by its categorization as a "new genre."*

Key words: *Environmental Education; Queer Pedagogies; Heteronormativity; Research.*